

## REFLEXÕES ACERCA DO ADOECIMENTO NA PÓS-GRADUAÇÃO NA SOCIEDADE DO DESEMPENHO

Elaine Gomes Ferro <sup>1</sup>  
Jorge Luís Mazzeo Mariano <sup>2</sup>

### RESUMO

Para o filósofo Byung-Chul Han enquanto o século XX foi marcado pela sociedade disciplinar, o século XXI inaugura o que ele denomina de sociedade do desempenho. Em sua ótica a sociedade do desempenho está baseada na ideia de que os indivíduos vivem noção ilusória de liberdade, uma vez que não estão submetidos a um poder coercitivo externo, e se sujeitam voluntariamente a autoexploração. Nesse contexto, as doenças psíquicas são entendidas como uma das consequências cruéis da organização da vida na pós-modernidade. Tendo essas questões como plano de fundo, o presente trabalho buscou aproximar as ideias de Han acerca da sociedade do desempenho com o processo de adoecimento de estudantes da Pós-graduação a partir de relatos de imprensa. Assim, foi possível identificar que o produtivismo acadêmico pode ser entendido como um reflexo da demanda crescente por desempenho no contexto da pós-graduação indicando que o enfrentamento do adoecimento estudantil passa necessariamente pela reflexão acerca das formas de avaliação nos Programas de Pós-Graduação.

**Palavras-chave:** Mal-estar discente, Sofrimento e adoecimento na pós-graduação, Sociedade do Cansaço.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende refletir acerca da sociedade do desempenho de modo a identificar uma íntima relação entre esse modelo contemporâneo de sociedade e o adoecimento cada vez mais frequente de estudantes em nível de pós-graduação (PG).

Observa-se assim que muito se tem falado acerca do mal-estar docente, bem como dos efeitos perversos ocasionados na vida de milhares de profissionais da educação. Por outro lado, verifica-se que um novo debate tem se inaugurado e se refere ao mal-estar discente e o conseqüente adoecimento dos estudantes em nível de PG *stricto sensu*.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação na Universidade Estadual Paulista – UNESP (Câmpus de Presidente Prudente), e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), [elaine.ferro@unesp.br](mailto:elaine.ferro@unesp.br);

<sup>2</sup> Docente da Graduação em Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS (Câmpus do Pantanal), [jorge.mariano@ufms.br](mailto:jorge.mariano@ufms.br).

A hipótese levantada é a de que a crescente emergência de adoecimento psicológico identificado em ambientes acadêmicos é uma expressão psíquica da sociedade do desempenho, indicando que tal imperativo social tem regulado cada vez mais a vida dos sujeitos contemporâneos.

As reflexões se baseiam principalmente no filósofo sul-coreano/alemão Byung-Chul Han que analisou a sociedade do desempenho na obra intitulada “*Sociedade do Cansaço*”. O texto também lança mão de depoimentos de estudantes de pós-graduação coletados na imprensa.

A relevância do tema se dá por sua vinculação com um tipo de subjetividade produzida na contemporaneidade, além disso o texto busca trazer à luz um tema pouco discutido na literatura especializada que é o adoecimento emocional de discentes na pós-graduação.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa se ancorou em uma abordagem qualitativa, tendo sido realizada uma análise descritiva (OLIVEIRA, 2016). Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica na qual procedemos a leitura, fichamento, estudo e análise de livros, artigos que versam sobre as novas formas de organização social contemporâneas e sua relação com o sofrimento e o adoecimento de discentes na pós-graduação.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Tendo como base o adoecimento na PG, no contexto da sociedade do cansaço (HAN, 2017), identificamos e dividimos a discussão nos tópicos a seguir: Empenho por desempenho; Desempenho fragmentado; Desempenho e [é] produção na PG.

### **Empenho por desempenho**

A sociedade a partir do século XX adquire características singulares que produzem cada vez mais uma demanda por desempenho. Tal concepção de mundo sugere que os indivíduos devem se tornar cada vez mais produtivos e rentáveis. Nesse mesmo contexto quando se questiona qual o propósito por aprimoramento e sucesso

profissional, alguns podem ser levados a acreditar que tal demanda surge de um sonho ou desejo pessoal individual, porquanto o sucesso profissional estaria no horizonte de vida de qualquer ser humano, sem apresentar relação com a realidade social mais ampla e complexa. Desse modo, se observa que as recentes análises no campo da Filosofia sugerem que há uma relação íntima entre a necessidade contínua por aprimoramento e sucesso profissional com a assim denominada “sociedade do desempenho”.

Nessa nova e inédita configuração social contemporânea há de se reconhecer a existência de uma ideologia que sustenta tais ideias, no entanto o componente ideológico em si não é o que de fato promove a busca incansável pelo desempenho sendo apenas um dentre tantos outros tantos mecanismos que sustentam esse novo tipo de sociedade.

Uma característica importante da denominada sociedade do desempenho é a dificuldade de identificação de um poder repressivo central e autoritário, uma vez que os mecanismos de controle se apresentam de forma pulverizada, além de estarem presentes em diferentes espaços “[...] são anônimos, esparramados, flexíveis. O próprio poder se tornou pós-moderno. Isto é, ondulante, acentrado (sem centro), em rede, reticulado, molecular” (PELBART, 2007, p. 57).

Nesse sentido, Han (2017) identifica que a atual sociedade do desempenho superou a sociedade disciplinar, tal qual descreveu Foucault em suas obras. Para o filósofo sul coreano, na sociedade do século XXI há o predomínio do “indivíduo do desempenho e da produção” substituindo assim a figura do “indivíduo da obediência” que predominou na sociedade disciplinar do século XX.

Han (2017) entende que a sociedade disciplinar é regida pelo princípio da negatividade, ou seja, pela proibição, enquanto na sociedade do desempenho há o predomínio da positividade que pode ser identificada através máxima: *Yes I Can!* Assim “no lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação” (p. 24). O foco na positividade está baseado na crença de que a negatividade do poder pode levar ao bloqueio da produção enquanto que o esquema de poder positivo é mais eficiente e produtivo.

As tradicionais formas de repressão da sociedade disciplinar foram substituídas por incentivo ao desenvolvimento pessoal, o que abriu espaço para a valorização de determinadas habilidades sócio-emocionais. Assim, características pessoais como empreendedorismo, autonomia e criatividade tornam-se elementos valiosos nesses

novos tempos e por isso mesmo devem ser estimulados desde a mais tenra idade no processo educativo, uma vez que “a disciplina não é mais o fundamento da eficácia no trabalho e o método principal na direção das condutas” (EHRENBERG, 2010, p. 86).

O sujeito do desempenho não está mais submetido a um poder externo e coercitivo, haja vista que ele mesmo se converte na figura do carrasco de si mesmo, ou seja, se torna vítima e algoz, explorado e explorador. A depressão e outros distúrbios neuronais surgem como reflexos patológicos dessa dualidade paradoxal (HAN, 2017).

Em última instância o ser humano da pós-modernidade deve caminhar na direção de evoluir para se tornar um empreendedor de si mesmo, e de se submeter a toda e qualquer demanda em prol de melhorar seu desempenho, nem que para isso tenha que trabalhar longas jornadas diárias assumindo inúmeras responsabilidades.

O trabalho baseado no “esquema do desempenho” pressupõe uma fragmentação da atenção, sendo assim, o indivíduo do desempenho é aquele que desenvolve a capacidade de multitarefa (*multitasking*), vista por Han (2017) não como um avanço evolutivo do homem contemporâneo e sim como uma capacidade ancestral presente nos animais selvagens que necessitam de uma atenção difusa para manter a sua sobrevivência. Ao desenvolver a habilidade *multitasking* os indivíduos vão perdendo a capacidade de atenção profunda e de contemplação, além disso o excesso de estímulos acarreta uma intolerância ao tédio.

Ainda como sugere Han (2017) a “sociedade do desempenho” produz inevitavelmente a “sociedade do cansaço”, haja vista que a cada dia que passa os trabalhadores estão mais cansados e sobrecarregados de tarefas. Muitas pessoas ignoram que o excesso de trabalho pode trazer consequências seríssimas a saúde física e mental, podendo, inclusive, levar ao óbito motivado por exaustão de atividade laboral<sup>3</sup>.

Em 2000 Pelbart já apontava que as fronteiras entre esfera produtiva e reprodutivas e entre tempo de trabalho e tempo livre se tornavam cada vez mais nebulosas, assim o trabalho contemporâneo começava a atravessar a vida doméstica

---

<sup>3</sup> No Japão um dos países de capitalismo mais desenvolvido do planeta, o óbito por excesso de trabalho (*Karoshi*) é um fenômeno identificado desde a década de 1960, mas no século XXI tem se tornado cada vez mais recorrente principalmente entre os jovens que assumem jornadas de cerca de 100 horas em um país que possui não somente uma das jornadas de trabalho mais longas, como também cultiva a cultura da hora extra (LANE, 2017).

numa escala cada vez maior e conseqüentemente passaria a “colonizar” os raros momentos de tempo livre do trabalhador<sup>4</sup>.

Todo esse cenário sugere que talvez a última utopia capitalista seja justamente o fim do sono, tal qual analisa Jonathan Crary na obra “24/7: *Capitalismo tardio e os fins do sono*”, em que discute justamente o dilema da contemporaneidade em que as pessoas se tornam cada vez mais disponíveis para viver nos moldes de 24/7 (24 horas por dia, 7 dias por semana):

O 24/7 é um tempo de indiferença contra o qual a fragilidade da vida humana é cada vez mais inadequada, e dentro do qual o sono não é necessário nem inevitável. Em relação ao trabalho, torna plausível, até normal, a ideia de trabalhar sem pausa (CRARY, 2014, p. 19).

Na sociedade do cansaço não há tempo para o tédio, ócio ou contemplação, tempos esses que Han (2017) considera essenciais para o desenvolvimento da criatividade/sensibilidade humana.

### **Desempenho Fragmentado**

Como foi destacado no tópico anterior, na sociedade pós-disciplinar verifica-se que a disciplina impositiva abriu espaço para uma espécie de autodisciplina, ou seja, nesse novo rearranjo social os próprios indivíduos se tornam responsáveis pelo seu aprimoramento pessoal com vistas a conquista do sucesso profissional. No entanto, ao mesmo tempo em que se discute aumento de produtividade, avaliação por desempenho, bônus por performance, o mundo parece viver uma epidemia de depressão, ansiedade, além de outros inumeráveis (novos) transtornos psicológicos.

O que mais chama a atenção nesse contexto é o fato de que não somente os profissionais já com anos de experiência em suas funções e cargos são alvos de tais distúrbios, tendo em vista que é cada vez mais comum a sua identificação em jovens em processo formativo na graduação ou pós-graduação. Em um artigo publicado na página digital da Revista Fapesp, Rodrigo de Oliveira Andrade (2017) reflete sobre o que ele denomina de distúrbios da academia e aponta que é comum identificar manifestações de

---

<sup>4</sup> Este mesmo autor identificava as tecnologias como um dos elementos essenciais para a consolidação desse processo: “O tempo livre escravizado, tempo investido em ganhar tempo, se pensarmos na informática doméstica, nessa fronteira entre trabalho, entretenimento, hipnose, fetiche, num esforço constante para otimizar o próprio desempenho [...]” (PELBART, 2000, p. 34).

sofrimento psicológico em estudantes de PG, destacando que esse é um padrão observado em vários países:

Na Bélgica, um estudo publicado em maio na revista *Research Policy* verificou que um terço dos 3.659 estudantes de doutorado das universidades da região de Flandres corria o risco de desenvolver algum tipo de doença psiquiátrica. Em 2014, um estudo da Universidade da Califórnia em Berkeley, nos Estados Unidos, constatou que 785 (31,4%) de 2.500 estudantes de pós-graduação apresentavam sinais de depressão. O estudo fazia parte de um trabalho mais amplo, desenvolvido desde 1994, quando se constatou que 10% dos pós-graduandos e dos pesquisadores em estágio de pós-doutorado da universidade já haviam considerado se suicidar (ANDRADE, 2017, n/p).

Apesar de não possuir dados nacionais oficiais acerca do adoecimento de estudantes na pós-graduação, um artigo de 2017 da Folha de SP, assinado por Fernando Tadeu Moraes, destaca um número razoável de relatos de discentes de programas de PG do Brasil que informam ter tido algum tipo de adoecimento psicológico ao longo do mestrado ou doutorado.

Entre 2004 e 2016 o Brasil não somente investiu na ampliação das vagas nos cursos de graduação através de programas como REUNI (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), que aumentou o número de vagas das universidades públicas, como também criou o ProUni (Programa Universidade para Todos) e o Fies (Financiamento Estudantil) que colaboram para o ingresso de milhares de jovens de camadas desfavorecidas da sociedade brasileira nas universidades e, conseqüentemente, ampliou o número de estudantes nos programas iniciados no universo da pesquisa.

Ao vivenciarem o processo formativo nas universidades os estudantes acabam tendo contato com o mundo da pesquisa e nele veem a oportunidade de ascenderem profissionalmente e financeiramente. Muitos iniciam na investigação científica nos primeiros anos da graduação, seja por necessidade de receber uma bolsa para sobreviver ou pelo desejo de aprender o ofício de pesquisador. Assim, a iniciação científica se apresenta para esses estudantes como a porta de entrada para a carreira acadêmica.

A natureza da universidade é sem dúvida a da avaliação, do desempenho e da meritocracia. Para sustentar a participação nos projetos de pesquisas os estudantes de graduação são testados à exaustão, tendo de ser aprovados em todas as disciplinas dos cursos de graduação, em todas as fases dos processos seletivos de ingresso no mestrado, cumprir todos os créditos de disciplinas na PG (o que envolve publicar artigos, participar de eventos, escrever relatórios etc.), realizar a pesquisa, passar por exame de

qualificação e de defesa, tendo que prestar novamente outro processo seletivo para o ingresso no curso de doutorado, repetindo todas as etapas descritas para o mestrado. Após esse longo percurso recebem o título de doutor. Enquanto alguns, após a defesa da tese, vão prestar concursos para seguirem a carreira docente na universidade pública, outros ainda continuam no processo formativo e partem para o pós-doutoramento.

Diferente de outras profissões as quais gradualmente o profissional vai progredindo na carreira até alcançar os postos mais altos, o ingresso na carreira científica se dá após um longo processo, tal qual descrito acima<sup>5</sup>.

Conforme destacam Bianchetti e Martins (2018) todo esse percurso que o jovem passa até alcançar o tão sonhado título de mestre ou de doutor pode ser representado pelo fluxo: entrada — cumprimento das atividades regimentares — conclusão. No entanto, a questão que se apresenta é: a que preço isso esse processo se dá?

Apesar de a imprensa se mostrar a cada dia mais interessada em tematizar e debater acerca do mal-estar discente na pós-graduação, em sentido oposto muitos programas de PG ainda não se deram conta que o sofrimento acadêmico é real e cada vez mais frequente entre os pós-graduandos:

[...] destaca-se que a ausência de um diagnóstico por parte da universidade e dos programas de pós-graduação sobre as condições as quais são submetidos os pós-graduandos, se dá pelo fato de que isso ainda nem chegou a ser considerado um problema a ser investigado/tratado (BIANCHETTI; MARTINS, 2018, p. 11).

Dentre as formas contemporâneas de adoecimento entre os alunos de pós-graduação é possível identificar as já conhecidas: Depressão, Transtorno de Ansiedade, Síndrome do Pânico e a Síndrome de *Burnout*. Menos conhecida que a Síndrome de *Burnout* é a denominada Síndrome do Impostor, que apesar de desenvolver em diferentes contextos de trabalho, é bastante comum no ambiente acadêmico.

Não obstante carregue no nome o termo “síndrome”, essa definição não se enquadra naquilo que a medicina entende como tal, além disso o “sentimento” sequer é considerado como uma patologia para a Organização Mundial de Saúde (OMS). Mesmo assim, a sua ocorrência tem despertado o interesse de estudiosos do Brasil e do exterior.

---

<sup>5</sup> Toda essa trajetória contabiliza cerca de dez anos de formação (sem contar, é claro, toda a escolaridade básica). Assim, enquanto fisioterapeutas, contadores, estatísticos, enfermeiros entre tantos outros profissionais iniciam suas carreiras após o término da graduação, o professor pesquisador, para ao menos concorrer a uma vaga, deve estudar e se preparar por cerca de seis anos a mais, uma vez que em geral a formação mínima exigida é o título de doutor.

A *Síndrome do Impostor* é a condição da consciin (*Consciência intrafísica* - personalidade humana), homem ou mulher, considerar-se não merecedora do sucesso, por imaginar-se aquém da capacidade de realização, sem assumir os trafores<sup>6</sup>, em oposição aos fatos e às percepções de outras consciências (KAUATI, 2013, p. 76, grifos da autora).

Dentre as múltiplas sensações descritas por aqueles que manifesta tal síndrome, a insegurança em relação ao conhecimento que possuem é o sentimento mais comum. Em depoimento a Sayuri (2020, n/p), a socióloga Sabrina Fernandes descreve como se sentia quando no mestrado começou a ter sentimento de que academicamente era uma fraude: “[...] passei por um ano no mestrado, pensando que estava no lugar errado, que quando acertava era só porque fiz o triplo de trabalho ou que qualquer um poderia fazer, pois não tinha nada de especial na minha produção”.

Uma estudante do Programa de Neurociências, da Universidade Federal de Minas Gerais declarou à Folha de São Paulo que o sentimento impostor foi algo que marcou a sua trajetória na PG: “A sensação de ser uma impostora é diária em um meio onde há pressão o tempo todo, de todas as formas possíveis” (ESTUDANTE NÃO IDENTIFICADA apud MORAES, 2017a, n/p).

Um dos casos mais significativos de sofrimento na PG é o do estudante de Doutorado que cometeu suicídio em um dos laboratórios da USP (Universidade de São Paulo), em 2017: “Deixou, numa lousa que havia no local, uma mensagem em que dizia estar cansado de tentar e ter esperança, de viver. O texto terminava com uma expressão em inglês “‘I’m just done’ ‘pra mim já chega’, em tradução livre” (MORAES, 2017b, n/p).

A partir dos relatos é possível identificar que a PG é compreendida como “um processo visualizado e expresso com palavras como se se tratasse de uma área/período/fase cinza, de enfrentamento de muitos percalços e de empreendimento de esforços, por vezes, quase que sobre-humanos” (BIANCHETTI; MARTINS, 2018, p. 4).

## **Desempenho e (é) produção na PG**

---

<sup>6</sup> De acordo com Kauati (2013, p. 75) os *trafores* são “Traços-força – componentes positivos da pessoa capaz de impulsionar-lhe a evolução”.



O produtivismo acadêmico, o mito da genialidade na ciência, associados a uma carga excessiva de trabalho, a baixa valorização da ciência na sociedade, além das constantes ameaças de corte de bolsas de estudo são elementos principais para que os estudantes de PG desenvolvam psicopatologias ao longo de suas trajetórias formativas.

Nesse sentido, é possível perceber que dentre os elementos identificados o produtivismo acadêmico se apresenta como o mais significativo. Especificamente na sociedade do desempenho o foco está voltado para um discurso poderoso e convincente que enfatiza a necessidade de desempenho, produtividade e lucratividade. Han (2017), ao destacar que a sociedade do desempenho substituiu a sociedade disciplinar, quer justamente apontar a potência com que esses discursos são internalizados pelos diferentes sujeitos a ponto de não só os assumirem como verdades, mas também incorporarem em seus projetos de vida e para isso acabam tendo uma vida exausta e pouco contemplativa/reflexiva além de adoecerem. Esse adoecimento não é imposto, mas dado pela adesão voluntária de cada sujeito a esse modelo de existência contemporâneo, cujo o trabalho perene expressa tanto o caráter do desempenho quanto o do cansaço no século XXI.

De acordo com Han (2017) o que causa o esgotamento e conseqüentemente o adoecimento, o qual ele também denomina de infarto psíquico, dos sujeitos contemporâneos é justamente a pressão por desempenho. Esse ponto talvez seja o aspecto central de tudo que foi discutido até o momento, tendo em vista que o produtivismo acadêmico pode ser compreendido como a lógica da sociedade do desempenho no contexto da PG.

Nesse sentido, esse processo se define a partir do modelo de avaliação em que se enfatiza os aspectos quantitativos em relação aos qualitativos na PG. Não é de se admirar que o produtivismo é conceituado por alguns como:

[...] “a doença da medida”, típica do modelo gerencial, que visa medir e matematizar o trabalho vivo, hierarquizando o desempenho em busca de eficiência e eficácia, trazendo prejuízos à prática universitária e ao bem-estar docente (ANDRADE; CASSUNDÉ; BARBOSA, 2019, p. 171).

O produtivismo tal qual o desempenho, não representa em si um poder disciplinar materializado na figura de uma pessoa, instituição ou lei, é antes um valor que definirá o trabalho seja ele intelectual ou material. Nesse sentido, verifica-se que o estudante de pós-graduação possui relativa autonomia em relação a sua pesquisa e a sua

produção embora tenha obrigações a cumprir, produz de forma livre sem vigilância e com horários flexíveis e é exatamente essa sensação de liberdade que o distingue do sujeito da obediência<sup>7</sup>.

No entanto, a aparente liberdade produzida pela cultura do desempenho camufla o seu caráter explorador:

A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à *liberdade coercitiva* ou à *livre coerção* de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa auto exploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade (HAN, 2017, p. 29-30).

A figura do explorador/explorado se funde a partir do modelo apresentado, sendo assim “os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal” (HAN, 2017, p. 30).

Uma das consequências para além do adoecimento psíquico provocada pela demanda de produtividade está relacionada ao cansaço e ao esgotamento devido ao excesso de horas que o estudante da pós-graduação dedica ao trabalho, uma vez que, para se manter o nível de produtividade deve dedicar cada vez mais tempo do seu dia para a tarefa de leitura e escrita<sup>8</sup>.

As reflexões de Han (2017) certamente provocam uma série de questionamentos acerca não somente do modelo de sociedade atual, como também das finalidades da pós-graduação. Muito embora ele não ofereça uma resposta definitiva, suas análises permitem identificar o quanto os valores da sociedade do desempenho têm servido como modelo para a PG que a partir da adesão ao produtivismo passa a assumir claramente uma orientação meritocrática, sem se preocupar com os efeitos disso na saúde mental de discentes e docentes.

Apesar de se reconhecer a dificuldade em resistir a essas formas de ser e estar na pós-modernidade, é importante destacar que o enfrentamento ao processo de

---

<sup>7</sup> De acordo com Han (2017, p. 29), “o sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo”.

<sup>8</sup> “A coação de desempenho força-o a produzir cada vez mais. Assim, jamais alcança um ponto de repouso da gratificação. Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. E visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir. Sofre um colapso psíquico, que se chama de burnout (esgotamento). O sujeito do desempenho se realiza na morte. Realizar-se e auto destruir-se, aqui, coincidem” (HAN, 2017, p. 85-86).

adoecimento na PG passa primeiramente pelo reconhecimento da existência deste mal-estar, além, é claro, do debate acerca do atual modelo de produção acadêmica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo buscou-se analisar o adoecimento na pós-graduação como um reflexo da sociedade do desempenho. Desse modo, destacou-se que a sociedade disciplinar foi substituída pela sociedade do desempenho, uma forma de organização social mais eficiente em que os indivíduos a partir de uma falsa noção de liberdade se auto exploram, em favor de resultados satisfatórios de produtividade. Também foi apontado que uma das consequências do processo de auto exploração se vincula à crescente sensação de cansaço e esgotamento dos indivíduos tanto quanto ao seu adoecimento. Nesse sentido, foi identificado que é cada vez mais comum o aumento de relatos de sofrimento e adoecimento de estudantes em nível de pós-graduação.

As análises empreendidas evidenciaram que o produtivismo acadêmico é o reflexo mais significativo da sociedade do desempenho no contexto da pós-graduação. Assim, observou-se que a liberdade que o estudante da PG possui para realizar seu trabalho é de caráter exploratório uma vez que ela se transforma em auto-coação que, por sua vez, intensifica o processo de adoecimento. Conclui-se que diante do cenário caótico no qual se encontram os sujeitos na PG, a reflexão acerca de tais questões se apresenta como o primeiro imperativo para repensar as formas de ser e estar na sociedade e na universidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Juliana de Souza; CASSUNDÉ, Fernanda Roda de Souza Araújo; BARBOSA, Milka Alves C. Da liberdade à “gaiola de cristal”: sobre o produtivismo acadêmico na pós-graduação. Juazeiro. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 169-197, jan./abr. 2019.

ANDRADE, Rodrigo Oliveira. Distúrbios na academia. **Revista Fapesp**. 2017. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/disturbios-na-academia/>>. Acesso em: 22, ago 2020.

BIANCHETTI, Lucídio. MARTINS, Francini Scheid. O discente da pós-graduação stricto sensu: desistências e resistências, induções externas e adoecimentos. In: X CIDU - Congresso Ibero-americano de Docência Universitária., 2018, Porto Alegre. **Anais do**

**X Congresso Ibero-americano de Docência Universitária.** Porto Alegre: ediPUCRS, 2018. v. 1. p. 1-14.

CRARY, Jonathan. **24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono.** São Paulo: Cosac Naify, 2014.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance:** da aventura empreendedora à depressão nervosa. Tradução Pedra F. Bendassolli. Aparecida, SP: Idéias Et Letras, 2010.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KAUATI, Adriana. Síndrome do impostor e a vida acadêmica. **Interparadigmas**, v. 1, n. 1, p. 75-88, jan./dez. 2013. Disponível em: <http://www.interparadigmas.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Interparadigmas-Ano-01-N-01-Kauati.pdf>. Acesso em: 22 Ago. 2019.

LANE, Edwin. Os jovens japoneses que estão trabalhando literalmente até a morte. **BBC.** 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40140914>. Acesso em: 22, ago 2020.

MORAES, Fernando Tadeu. Estudantes de mestrado e doutorado relatam suas dores na pós-graduação. **Folha de São Paulo/Uol.** 2017a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/12/1943862-estudantes-de-mestrado-e-doutorado-relatam-suas-dores-na-pos-graduacao.shtml?origin=uol>. Acesso em: 11 de Ago. 2020.

MORAES, Fernando Tadeu. Suicídio de doutorando da USP levanta questões sobre saúde mental na pós. **Folha de São Paulo/Uol.** 2017b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/10/1930625-suicidio-de-doutorando-da-usp-levanta-questoes-sobre-saude-mental-na-pos.shtml>. Acesso em: 11 de Ago. 2020.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio:** políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Editora Iluminuras, 2000.

SAYURI, Juliana. Fadas insensatas: qual é o impacto da síndrome do impostor nas influencers? **Folha de São Paulo/Uol.** Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/26/fadas-insensatas-qual-o-impacto-da-sindrome-do-impostor-nas-influencers.htm>. Acesso em: 11 de Ago. 2020.